

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

**COGEAE – Pós Graduação – *Lato Sensu*
Arte: Crítica e Curadoria**

JULIANA DA SILVA OSSAIN

**COMO O DISCURSO IDEOLÓGICO SE APROPRIA DA ARTE:
BRASIL POR MULTIPLICAÇÃO – 35º PANORAMA DO MAM-SP**

Monografia apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão – COGEAE, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Arte: Crítica e Curadoria.

Orientador(a): Professor Dr. Cauê Alves

São Paulo

2018

JULIANA DA SILVA OSSAIN

**COMO O DISCURSO IDEOLÓGICO SE APROPRIA DA ARTE:
BRASIL POR MULTIPLICAÇÃO – 35º PANORAMA DO MAM-SP**

Monografia apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão – COGEAE, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Arte: Crítica e Curadoria.

Orientador(a): Professor Dr. Cauê Alves

Aprovado em: São Paulo, ____/____/2018

BANCA EXAMINADORA

NOME DO PROFESSOR

NOME DO PROFESSOR

NOME DO PROFESSOR

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, o professor Cauê Alves, pela paciência e dedicação em me acompanhar durante essa construção do saber.

Aos professores que foram parte de processo, por me apresentarem uma nova e ampla visão da arte, por me abrirem um leque de novas oportunidades.

Meus amigos de classe, por termos sido unidos e incentivadores uns dos outros e por trocarmos experiências, vivências e percepções do mundo e da arte.

A meus pais por terem me proporcionado seguir um caminho dentro do conhecimento, mesmo eles tendo tido tão poucas oportunidades nesse campo.

Agradeço aos meus amigos incentivadores, que são parte da minha vida e da minha história.

Patrícia Furlanetto, minha primeira incentivadora, minha professora e grande amiga, que acreditou nos meus sonhos e objetivos e me mostrou que eu podia seguir em frente e que Águas da Prata era pequena demais para meus planos de vida.

A Felipe Cataldi, por também acreditar e me apoiar, por ser parte desse processo, por brigar comigo para que eu não desistisse e por permanecer perto, mesmo nos meus momentos mais difíceis.

A minha amiga Tainara Farias, por nunca me deixar desistir, por acreditar em mim, por ser colo e ouvido durante as crises que decorrem durante o percurso.

Meus mais sinceros agradecimentos a vocês, por serem parte desse momento e por dedicarem cada um à sua maneira, um pouco do seu tempo.

RESUMO

A atualidade nos remete a um momento político, crítico e sombrio para o país. Momento esse que repercute não somente nos campos sociais e econômicos, mas também na arte, que tem sofrido com as incoerências dos discursos por parte dos governantes e da sociedade. Ao analisarmos o 35º Panorama de Arte Brasileira do MAM/SP teremos um conjunto de cruzamentos entre arte e política e um diagnóstico de como a apropriação da arte por determinados grupos políticos em prol de si mesmos, esvazia e retira o discurso de arte do seu campo e o reduz a discurso ideológico.

Palavras-chave: história das exposições, arte e política, curadoria

ABSTRACT

The current situation reminds us of a political, critical and somber moment for the country. This moment that not only affects the social and economic fields, but also art, which has suffered from the inconsistencies of discourses on the part of government and society. In analyzing the 35th Panorama of the Brazilian Art of MAM/SP, we will have a set of crosses between art and politics and a diagnosis of how the appropriation of art by certain political groups in favor of themselves empties and withdraws the art discourse of their field and reduces ideological discourse.

Keywords: history of exhibitions, art and politics, curatorship

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 - Foto da série “Da minha janela”, do coletivo Mão na Lata (Foto: Jaílton Nunes). Revista Bravo.....	21
Figura 2 - Foto 20170926_COLAB_10_PANORAMA_ABERTURA-52 Através TV Conversas Coletivas Ricardo Bausbam.....	24
Figura 3 - Foto Instalação “Brasília Broadcast”, de Beto Shwafaty (Foto: <u>Atraves \\\</u>) Revista Bravo.....	25
Figura 4 - Foto Macunaíma Colorau, de Lourival Cuquinha e Clarisse Hoffmann Panorama_fotos_laysa-elias-19-752x490. Select Art.....	27
Figura 5 – Foto La Betê. Wagner Schwartz. Divulgação/ Humberto Araújo/El Pais. 2017.....	36

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	8
1.1 ARTE E POLÍTICA.....	10
2. PANORAMA DA ARTE BRASILEIRA – BRASIL POR MULTIPLICAÇÃO	19
3. O PANORAMA ATRAVÉS DOS OLHOS DO PÚBLICO – CRÍTICA E MORALIDADE....	32
4. CONCLUSÃO.....	41
5. REFERÊNCIAS.....	47

1.INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a arte dentro do contexto sócio-político atual. Ao desenvolver o tema, busca-se compreender melhor como está ocorrendo esse entrecruzamento hoje e como isso pode afetar de diversos modos os variados campos artísticos e levar a uma discussão ou interpretação simplista da arte.

A mistura mesmo que não intencional de arte/política norteará o trabalho e levantará os questionamentos para a busca de compreensão do uso da arte como movimento de contestação política e resistência, ou por vezes de discurso ideológico.

Para melhor explanação sobre o tema, o primeiro capítulo será o embasamento para compreensão de arte e política, como estão separadamente dentro do contexto atual e como se interligam quando apropriadas por um campo ou outro. Uma contextualização do campo político irá nos nortear para a compreensão dessa aproximação e apropriação da arte pela política e vice-versa.

A arte por sua vez se fará presente no segundo capítulo, com uma análise da curadoria do 35º Panorama da Arte Brasileira – Brasil por Multiplicação, ocorrida no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM) e apresentação dos artistas. A partir do tema pensado pelo curador Luiz Camillo Osório¹ que busca um diálogo maior com o público, obras pensadas para o coletivo, uma exposição concebida para compreender melhor a produção artística brasileira, a partir das características descritas por Hélio Oiticica há cinquenta anos em o Esquema Geral da Nova Objetividade.

No terceiro capítulo trataremos da crítica e reflexão sobre o 35º Panorama da Arte Brasileira. Como uma exposição pensada para rever a Nova Objetividade de Hélio Oiticica e proposta como um diálogo com a sociedade foi apropriada por movimentos de direita no Brasil e seu discurso ideológico. Abordaremos como se deu

¹ **Luiz Camillo Osorio (Rio de Janeiro, 1963)** é professor do Departamento de Filosofia da PUC-Rio, pesquisador do CNPQ e curador do Instituto PIPA. Entre 2009 e 2015 foi Curador do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Em 2015 foi o curador do pavilhão brasileiro na Bienal de Veneza. Em 2016 fez a curadoria da exposição Calder e a Arte Brasileira, no Itaú Cultural. Autor dos livros Flávio de Carvalho, Cosac&Naify, SP, 2000; Abraham Palatnik, Cosac&Naify, SP, 2004; Razões da Crítica, Zahar, RJ, 2005 e Olhar à Margem, SESI-SP e Cosac&Naify, SP, 2016.

a reação dos diversos tipos de públicos frente a essa deturpação e apropriação da arte dentro do campo da política.

A análise de cada ponto dos mencionados acima, nos trará uma maior explanação e compreensão do momento e nos permitirá concluir, não como resposta fechada, dada, mas aberta a novas reflexões e debates. O objetivo do trabalho, não é colocar um ponto final nas discussões, mas colaborar na abertura de sentidos e na reflexão que possam vir a acrescentar ao campo da história das exposições, que como perceberemos nunca estará isenta do meio em que se faz.

1.1 ARTE E POLÍTICA

O que o senso comum entende por arte é a maior dificuldade que se enfrenta para a compreensão da arte contemporânea. Uma obra de arte, para a maioria das pessoas, é uma pintura, um desenho, ou uma escultura, autêntica e única, realizada por um artista singular e genial. Essas são as premissas que vêm sendo, desde o Renascimento, sedimentadas no imaginário social. Transformar esse tipo de competência artística e substituí-la por outra é sem dúvida um processo longo e difícil. As certezas, já arraigadas, causam dificuldades para a compreensão do que os artistas realizaram, sobretudo a partir da segunda metade do século XX. Seguindo o imperativo de uma história que se move para a frente, a sequência dos “ismos” resiste em abandonar ideias já aceitas, como a noção moderna de autonomia da arte, para abarcar as poéticas contemporâneas. (FREIRE, 2006, p.7-8)

Ao ler o texto *Cultura e Política em um Brasil em crise, 2016-2018* (2018) de Fernando Perlatto para a Revista Escuta, houve uma grande identificação para o desenvolvimento desse capítulo e sobre pensar o envolvimento desses dois campos, em um país em crise, crise política, econômica, institucional e de identidade.

Ao analisar o texto seminal *Cultura e Política, 1964-1969* do crítico literário Roberto Schwarz no livro *O Pai de Família e Outros Ensaios*, Perlatto (2018) encontra uma certa familiaridade entre a cena cultural analisada após o golpe de 64 e a cena cultural analisada hoje, após o golpe institucional de 2016.

Ainda que atravessando uma conjuntura muito diversa, com diferentes características, atores e cenários, seria possível partir do ensaio de Roberto Schwarz como provocação no sentido de refletir sobre a cena cultural brasileira e suas relações com a política no período que se seguiu ao golpe parlamentar que depôs a presidenta Dilma Rousseff (PT), em um processo que se iniciou em dezembro de 2015, com a aceitação da denúncia e se concluiu em agosto de 2016. O campo cultural foi impactado de forma profunda com a chegada de Michel Temer (PMDB) ao poder. Após tentativa inicial frustrada de acabar com o Ministério da Cultura, o governo se viu diante da necessidade de substituir vários dos ministros que ocuparam a titularidade da pasta, e, desde então, vem enfrentando tensões frequentes com a cena artística do país.

De 2014, ano da última eleição presidencial, para cá, a percepção corrente entre pesquisadores e cientistas políticos é de que parte dos eleitores e da classe política não superou a polarização que marcou aquela campanha, a disputa acirrada

entre dois dos maiores partidos brasileiros, pontuados por pautas distintas, gerou uma divisão polarizada no país. A grave crise econômica vinda em 2015, o impeachment de Dilma Rousseff em 2016, dado em forma de golpe parlamentar e o avanço das investigações da Lava Jato sobre praticamente todos os líderes dos principais partidos do Brasil são o pano de uma crise que chega a esse momento que precede as eleições de 2018, em um cenário político desmantelado e uma população dividida por pontos de conservadores reiteradas em partidos de extrema direita e outra parte que busca manter e reiterar os direitos conquistados, que busca manter uma sociedade democrática que não privilegie a somente determinados grupos.

Para a cientista política Maria Herminia Tavares de Almeida em entrevista concedida em março de 2018, a Lilian Venturini sobre o artigo, *Entre tiros e ameaças, qual o estado da democracia no Brasil hoje*, ao Nexo Jornal:

O Brasil enfrenta uma crise política desde, pelo menos, fins de 2014, mas mais claramente em 2015-2016. Ela veio junto com profunda crise econômica e com os escândalos de corrupção no governo que a realimentaram. Até agora, as instituições democráticas mostraram solidez e foram capazes de permitir que os conflitos políticos se processassem dentro dos limites das regras democráticas. Os partidos e lideranças políticas, neste momento, se preparam para a disputa eleitoral, ou seja, todos jogam o jogo da democracia segundo suas regras. Mesmo a extrema-direita se prepara para o embate eleitoral. Entretanto, o clima é pesado. Existe forte polarização política entre as lideranças e a parcela mobilizada da sociedade e, ao que tudo indica, muita descrença da população em geral com relação ao governo, partidos, Congresso e instituições que deveriam assegurar a lei e a ordem. Temos uma democracia de cidadãos insatisfeitos.

O historiador José Murilo de Carvalho ao dar uma entrevista à BBC Brasil em 2016, falando da crise que iniciou em 2014 e vinha correndo até aquele momento e ao ser questionado sobre a segurança as instituições, acaba por refletir e nos trazer um cenário muito atual para nós hoje.

Há motivo para preocupação. O poder Judiciário – incluindo aí o Ministério Público e a Polícia Federal – tornou-se quase hegemônico diante da desmoralização do Executivo e do Parlamento. Isso poderá sair pela culatra, como aconteceu na Itália durante a operação Mãos Limpas, e reduzir ou anular os efeitos do esforço de combate à corrupção. Por outro lado, a desmoralização do Parlamento e a descrença nos políticos e na política podem abrir caminho para aventureiros populistas.

Um cenário um tanto semelhante com o que temos hoje, onde há uma completa desmoralização política, um excesso de poder do Judiciário, um quadro de disputa política focado na figura central que ocupará o poder, mas uma falta de avaliação completa dos outros componentes que formam o nosso congresso nacional.

Toda essa instabilidade e disputa nos campos políticos, econômicos, afetam também os outros campos, a arte, pauta desse trabalho, é um dos campos que vem sofrendo com a alternância de poder no Brasil e com a falta de investimento na cultura, juntamente com um olhar mais crítico a ela.

Artistas produzem e utilizam-se de diferentes linguagens, técnicas, meios de produção e divulgação da sua arte. A criação está relacionada com a experiência direta ou indireta do presente, dos signos existentes em suas vidas.

O artista é um agente criador e tem em sua obra um reflexo de quem é e do que vive e consciente ou não, tem em suas obras um diálogo ou crítica direta ou não com o presente, com o grupo à qual está inserido.

A arte, assim como a sua relação com a política, constitui enigmas a serem decifrados. Qualquer constatação definitiva a respeito dessa relação é temerária, mesmo porque cabe sempre a indagação: qual unidade dessa bipolaridade faz o papel da luz que gera o seu oposto? Assim como as áreas de luz e sombra da gravura, a arte e a política podem ser vistas como duas dimensões da realidade, de densidades diferentes, que não se misturam, mas ainda assim aparecem conectadas, convivem e interagem. (CHAIA, 2007, p.8)

O 35º Panorama da Arte Brasileira – Brasil por Multiplicação, realizado pelo MAM de São Paulo em 2017 nos trouxe uma reflexão sobre a compreensão da arte atual e como ela pode ser usada em um discurso ideológico e na falta de contextualização das obras e da exposição. A partir da análise da exposição, do trabalho dos artistas e sua temática, que foram pensados para celebrar e discutir os cinquenta anos da mostra Nova Objetividade Brasileira, que segundo Felipe Chaimovich – Curador do Museu de Arte Moderna de São Paulo, “marcou uma tomada de posição coletiva de um grupo de artistas diante do recrudescimento do regime militar que chegara ao poder em 1964” (2017, p. 11), percorreremos o caminho para uma reflexão dos caminhos que a arte faz dialogando com o público e sendo capturada como discurso ideológico por grupos existentes na sociedade.

A mostra nos remete a uma abordagem de confronto de um projeto comum e não apenas o individualismo, o tema pautado na reflexão da Nova Objetividade traz uma proposta de debate coletivo que se difere das propostas das últimas décadas voltadas mais para o individualismo.

Nas últimas décadas o individualismo tornou-se um motor potente do mercado cultural, encobrindo utopias e aspirações coletivas. Logo, retornar a um projeto de ação cultural que transcenda os interesses pessoais em nome de uma transformação efetiva das condições de vida no Brasil é um desafio corajoso diante de redes de comunicação social pautadas, de modo crescente, por algoritmos que apenas reforçam preconceitos e repelem a diferença. (CHAIMOVICH, 2017, p. 10)

Como ponto de partida a arte pensada para explicar esse trabalho é a arte realizada em meados do século XX e que vem até os dias atuais passando por transformação, não pensaremos a arte contemplativa a arte voltada para o belo, tão difundida na antiguidade, no renascimento e questionada pelo modernismo, mas uma arte voltada para a reflexão com o presente, o qual artista-obra-público são pontos centrais para a criação da obra e sua compreensão, a arte como expressão de uma época em diálogo com o público, que questiona e critica o contexto atual.

O fazer artísticos vêm através das décadas buscando mais inserção com o público e obras mais coletivas, não apenas voltada para o individualismo. Como Oiticica pensou, algumas décadas antes, buscamos um espaço de arte que reflita também nossa identidade cultural, ainda que a mesma esteja e seja contaminada diariamente pelos grandes polos difusores da arte mundial, em sua construção do Esquema Geral, ele nos confirma essa busca do artista nacional:

(...) somos um povo à procura de uma caracterização cultural, no que nos diferenciamos do europeu com seu peso cultural milenar e do americano do norte com suas solicitações super produtivas. Ambos exportam suas culturas de modo compulsivo, necessitam mesmo que isso se dê, pois o peso das mesmas as faz transbordar compulsivamente. Aqui, subdesenvolvimento social significa culturalmente a procura de uma caracterização nacional, que se traduz de modo específico nessa primeira premissa, ou seja, nossa vontade construtiva. (Hélio Oiticica. 2006, p. 155)

Conceber uma exposição que reflita e se inspire na Nova Objetividade é um desafio e uma busca ainda por espaço dentro do campo da arte.

Nossa singularidade foi sendo construída pela mistura de diferentes matrizes culturais. Ou seja, não temos uma essência própria, uma marca de origem a ser depurada de qualquer contaminação indesejada, vivemos da apropriação constante do outro, somos uma colagem de influências que não para de se transformar. (OSÓRIO, 2017, p. 14)

Ao falarmos de arte e política, é preciso compreender e explanar o ponto de partida, o que entendemos como política e o que entendemos como arte e como essa ligação se dá.

Historicamente somos um país de aprofundamento raso na educação, esse despreparo teórico muitas vezes não nos ajuda na compreensão daquilo que nos é familiar, e tanto a política quanto a arte, requerem um pouco de teorização. Nossa base histórica tanto como constituição de nação, quanto constituição de identidade é contaminada pela nossa colonização e aproximação com a cultura americana. Dialogamos sobre a atualidade, mas temos um embasamento teórico muito superficial sobre as estruturas que nos constituímos.

Partindo dessa premissa, da falta de aprofundamento sobre os mais diversos campos que constituem nossa sociedade, conseguimos não aceitar, mas perceber o uso do discurso ideológico como dominação de grupos políticos sobre as pessoas.

O ano de 2017 foi um ano reacionário para o campo da arte em especial, tivemos exposições e obras embargadas devido a censura. A arte entrou em pauta, não como discussão teórica dentro do seu próprio campo com o público. Mas como movimento de censura, por grupos que se apropriaram de obras para gerar um discurso de retrocesso e conseguir maior visibilidade no cenário político atual.

Afinal como pensar e expor essa apropriação, esse olhar distorcido das exposições e temas propostos. Como enxergar a arte como diálogo e não como algo a ser temido ou combatido.

É necessária uma definição do papel social da arte, do artista e da política vigente em nossos dias. Chaia, em *Arte e Política* faz sua consideração sobre a relação entre os campos:

O que é político e o que é artístico deve ser continuamente buscados e reinterpretados. A delimitação entre estas suas áreas exige que se considerem as aproximações ocorridas devido às práticas políticas no transcurso histórico ou à natureza estética do objeto de arte. Mesmo supondo suas especificidades, faz-se necessária uma nova postura analítica preocupada em deslocar a discussão dos fundamentos próprios a cada área para os espaços fronteiriços quando uma pode se abrir para a outra. (2007, p. 14)

Dois campos distintos, mas que podem se entrecruzarem no decorrer do percurso histórico, como já acontecido em outros períodos, quando a arte já se fez política e refletiu novas possibilidades de diálogo. Como cita Chaia, o pensamento de Aracy Amaral (1984), a qual “reitera a importância da função social da arte e da participação do artista, destacando que a preocupação sociopolítica tem sido uma das características da arte no Brasil.” (2007, p.15)

Mas afinal qual é a arte que estamos falando e qual é o momento político que se dá para analisarmos esse cruzamento?

O Brasil vive um momento de crise política impactante e profundo, uma série de escândalos de corrupção envolvendo governantes e ex-governantes em sua esfera pública. A cada dia novas notícias que envolvem mau uso e administração do dinheiro público.

As eleições de 2014 reelegeram a então presidente Dilma Rousseff, que no primeiro ano do seu segundo mandato se viu acuada politicamente e julgada por crimes fiscais. Em uma jogada política organizada por diversos partidos, ela foi afastada e teve seu mandato julgado e cassado pelo congresso. Houve manifestações da população a favor e contra, mas prevaleceu o voto de um congresso contaminado pela corrupção e que conduz de forma precária e pautada em interesses individuais, alheio aos interesses públicos.

Em 2017 o então vice-presidente Michel Temer assume provisoriamente e depois definitivamente com a cassação do mandato de Dilma Rousseff. O golpe institucional ao invés de estabilizar, gerou ainda mais a instabilidade política e econômica e novos casos de corrupção vieram à tona, escancarados a olhos nus da população brasileira, que assiste inerte e sem ação, por vezes, esse cenário gritante de corrupção em todas as esferas.

O ano de 2018 é ano de novas eleições, e para tamanha articulação e jogada política, os partidos brasileiros se uniram em prol de tirar de cena seu oponente mais visível e forte, o ex-presidente Luiz Inácio da Silva (Lula). A prisão de Lula gerou no país momentos de comoção, comemoração e novas manifestações. Para 2018 temos futuros candidatos pautados em suas peculiaridades, há uma onda de retrocesso e conservadorismo no país, um clamor pelo militarismo. Caminhamos novamente para tempos sombrios, dominados ainda mais por uma minoria detentora do poder, dinheiro e uma classe média que não enxerga o próprio local em que está inserida. Enquanto isso, o congresso cheio de denúncias de corrupção, aprovando e sancionando leis que diminuem ainda mais os direitos da população, o acesso há uma vida mais digna e menos desigual, que nos sujeitam a dominação de países com maior capital e entregando a preço de banana, nossas riquezas e recursos naturais.

Vivemos um momento de profunda necessidade de reformas políticas, econômicas e institucionais, reformas necessárias para um coletivo melhor e não para reforçar o individualismo e crescente de grupos voltados a seu próprio bem-estar.

Para divulgação instantânea das notícias, contamos com a grande mídia, que possui suas preferências políticas, com os canais abertos no país (grandes difusores de notícias para a maior parte da população) e as redes sociais (muitas vezes usadas de forma confusa e recortada para um maior impacto em seu leitor).

Percebe-se nesse cenário contemporâneo a presença de vários agentes como ressalta Vera Chaia e Teixeira quando analisam o pensamento do sociólogo inglês John B. Thompson (2000) em seu livro *Political scandal - power and visibility in the media age*, em seu artigo “Democracia e Escândalos Políticos”:

[...] muitos e diferentes agentes e instituições podem estar envolvidos na criação e no desenvolvimento dos escândalos. Cita como exemplo a polícia e outros agentes da lei que frequentemente possuem um papel crucial, pois realizam investigações das atividades que se tornaram “foco” do escândalo e contribuem com novos elementos, reforçando a necessidade de se investigarem esses escândalos. (CHAIA e TEIXEIRA, 2001, p.64)

Por sua vez Marcos Fernando Gonçalves da Silva (1995), citado e analisado no mesmo artigo “*Democracia e Escândalos Políticos*”, reforça a presença de outros agentes participantes da ação de corrupção:

[...] o autor afirma que a corrupção envolve sempre um ato ilegal e que precisa de no mínimo dois agentes, um corrupto e um corruptor. Segundo Silva (1995:8), a corrupção no senso comum seria identificada: "como um fenômeno associado ao poder, aos políticos e às elites econômicas. Mas igualmente considera a corrupção algo frequente entre servidores públicos (como policiais e fiscais, por exemplo) que usam o 'pequeno poder' que possuem para extorquir renda daqueles que teoricamente corromperam a lei". (CHAIA e TEIXEIRA, 2001, p.64)

A fala do historiador José Murilo de Carvalho no lançamento do seu livro, "Cidadania do Brasil, o longo caminho" em 2001 ao avaliar os então escândalos políticos do governo Fernando Henrique Cardoso (FHC), em uma entrevista ao jornal O Estado de São Paulo, segue tão atual quanto antes:

Quanto à corrupção, não creio que haja mais dela hoje do que antes. Violência e corrupção são endêmicas no país há 500 anos, são o nosso feijão com arroz social. A novidade é que está havendo mais denúncias e investigações dos grandes líderes políticos, juízes, empresário, em parte graças à melhoria na atuação do Ministério Público. É humilhante para o brasileiros, mas um passo à frente para o cidadão. (apud CHAIA e TEIXEIRA, 2001, p. 66, 15/07/01:D4)

Novamente um cenário de grande impacto e reflexão para a população brasileira e que gera um debate não apenas político, mas também cultural e social, e reflete em outras áreas, como a arte, por exemplo, nosso cruzamento nesse trabalho.

A arte também faz discurso e dialogo em momentos de crises. Ao pensar o Panorama de 2017, Luiz Camillo Ozório nos remete a integração da obra e do meio: "Há um integração da obra em seu ambiente cultural, incorporando novas materialidades, absorvendo e deslocando constantemente elementos da história da arte, do cotidiano e da cultura popular e de massas." (2017, p.16).

O artista hoje, não escapa do cenário político e econômico do país em que vive e isso reflete em sua produção, em sua pesquisa, a arte não está isenta das mazelas sociais, ela tem na população, em seu público o avaliador das suas obras. Novamente Ozório, nos leva a pensar o fazer arte em tempos de democracia e insatisfação: "[...] a aceleração e a consequente dispersão da sensibilidade cotidiana, somada à homogeneização, via capital, dos valores de legitimação do trabalho e da subjetividade, tendem a limitar as expectativas da produção artística." (2017, p.16).

O movimento reacionário o qual envolveu o MBL (Movimento Brasil Livre) e a performance “La Bête” do artista Wagner Schwartz, na abertura do 35º Panorama de Arte Brasileira do Museu de Arte Moderna - MAM/SP em 2017, nos leva a reflexão desse entrecruzamento e como uma população despreparada e sem autonomia de pensamento, pode causar uma comoção tão grande e gerar discurso de ódio e intolerância, ao ser manipulada por interesses políticos de determinados grupos.

Ao expor o corpo nu para interação com o público presente, em uma performance que evoca um “Bicho”, obra manipulável da artista Ligia Clark, o artista e coreógrafo carioca Wagner Schwartz e o MAM se viram alvo de parte da mídia e da população. A má interpretação da arte e o uso da exposição como movimento de retrocesso repercutiu no país de forma viral, gerou-se polêmica em torno do que os movimentos de direita consideraram um ato de pedofilia (ao contrário do que afirmaram as autoridades competentes), pois a performance tinha como objetivo a interação com o público, ainda que seu artista estivesse nu.

Uma criança, acompanhada da mãe, ciente da performance, da temática da exposição, toca a mão e perna do artista. Rapidamente vídeos e fotos viralizaram pelas redes sociais e mídias do país. O Museu foi tomado por grupos radicais que tendiam a impedir as pessoas de visitarem a exposição, mesmo cientes de que a performance faria parte apenas da abertura da mesma e que não estaria ali, exposta o tempo todo, a credibilidade do museu e equipe foram postas em jogo e mesmo o direito de ir e vir foram ameaçados.

Deu-se um debate que trataremos em outro capítulo desse trabalho, não em cima da arte, mas de um olhar separado sobre uma obra em uma exposição a qual o nu ainda é tratado como tabu pela nossa sociedade. Nesse momento de total turbulência política e retrocessos, em que grupos disputam poder e visibilidade, a arte foi apropriada como discurso ideológico.

2. 35º PANORAMA DA ARTE BRASILEIRA – BRASIL POR MULTIPLICAÇÃO

O Panorama da Arte Brasileira, ou Panorama, como é mais conhecido, foi criado em 1969 com o propósito de reconstruir o acervo do MAM. Desde então adquiriu inúmeras obras para a coleção do museu, de artistas como Alfredo Volpi, Maria Bonomi, Abraham Palatnik, e Ernesto Neto, entre outros.

Atualmente o Panorama é realizado a cada dois anos, e não mais focado em uma linguagem como em suas primeiras edições, sendo um espaço de experimentação para curadores e de mapeamento da produção contemporânea em todas as regiões do país.

O Museu de Arte Moderna de São Paulo apresentou seu 35º Panorama da Arte Brasileira, em 2017 no período de 26 setembro a 17 de dezembro. Sua exposição bienal mais tradicional, que trouxe uma leitura do estado atual da arte do país.

O título da 35.^a edição do Panorama da Arte Brasileira do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM) foi inspirado num texto do crítico e professor de literatura Roberto Schwarz, “Nacional por Subtração”, publicado em 1986. Só que, no lugar de subtração, o curador da mostra, Luiz Camillo Osório, escolheu o termo multiplicação. Com o título “*Brasil por Multiplicação*”, e também tem como inspiração um dos textos seminais de Hélio Oiticica, Esquema Geral da Nova Objetividade (1967).

Osório ao relacionar o texto de Oiticica a sua curadoria explica que:

Apesar de problematizar questões do texto escrito para o catálogo da exposição Nova Objetividade Brasileira (MAM Rio, 1967), este Panorama não é uma remontagem da exposição anterior, nem tem uma preocupação em legitimá-la historicamente. O que se faz aqui é uma homenagem a um texto de artista a partir de questões que foram ali levantadas e continuam pertinentes, explica o curador. (INFOARTSP, 2017)

A arte é uma ferramenta potente de compreensão do mundo, refletindo algumas das questões políticas, sociais e estéticas de um período. Ao montar esse Panorama, Osório trouxe uma leitura atual da arte e da política no presente do país. “A ideia é alargar o campo das artes visuais, incorporando outras manifestações, justamente para explicitar como essa divisão de gêneros artísticos, no momento em

que Hélio Oiticica escrevia, já era limitante, e hoje em dia parece de fato superada” (INFOARTSP, 2017).

Pensar a Arte Contemporânea é pensar o diálogo, uma relação com a realidade que se vive, em que a ideia, o tema, são abordados para se discutir, refletir sobre o que está sendo apresentado. Na arte contemporânea, o discurso artístico é elaborado problematizando questões que inquietam a sociedade. Desse modo, o trabalho é produzido pelo artista para que possa ser discutido, refletido pelo olhar do outro. Archer se refere a esse olhar:

A arte contemporânea está intimamente conectada com a linguagem, havendo entre elas uma relação recíproca, uma relação direta de forma e material, prática e interpretação, imagem e comentário, formando um coletivo, um discurso trazido pelos seus próprios agentes, seus produtores. (ARCHER, 1991, p.85-86).

A obra de arte contemporânea, a arte em produção hoje, não é uma mera representação de algo, mas um questionamento que provoca a reflexão sobre a própria linguagem artística. Se pensarmos o que é ser contemporâneo, podemos retomar o pensamento de Giorgio Agamben, que se preocupa exatamente com o aprofundamento do conceito de contemporaneidade.

Para ele a contemporaneidade, pode ser compreendida como uma relação que o indivíduo assume com o seu tempo ou qualquer outro que se lance a olhar, não o que se encaixa exatamente com a época que vive.

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela” (AGAMBEN, 2009 pág.59)

Quem se lança no escuro, mesmo não lhe sendo familiar, mas busca por pontos de cisão, uma forma de enxergar nas trevas, e consegue neutralizar o brilho da luz, do moderno e novo, isso significa que, é também o contemporâneo que, conhecendo o escuro do seu tempo, pode voltar-se para a origem (para o passado) e questioná-la quanto às suas consequências.

Isso significa que o contemporâneo não é apenas aquele que, percebendo o escuro do presente, nele apreende a resoluta luz; é também aquele que dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história, de 'citá-la' segundo uma necessidade que não provém do seu arbítrio, mas de uma exigência à qual ele não pode responder. (AGAMBEN, 2009 pág. 72)

Ao analisarmos o conceito através de Agamben, percebemos que nem todo artista está dentro do contemporâneo, ainda que produza obras na atualidade, mas percebemos que alguns artistas, obras ou exposições atingem tal conceito, quando se destoam daquilo do esperado, do comum e aceitável.

A arte tem esse propósito, que é questionar, intrigar o observador, não ser simplista, ela dá ao expectador algo a ser pensado e interpretado, para que ele, possa produzir conhecimento, e consiga então adquirir um novo olhar para o mundo, enxergar além do que lhe é familiar e transpassar as barreiras que o mantém fixo no presente.

Oiticica ao concluir seu texto sobre a Nova Objetividade, remonta exatamente a esse intuito:

Não pregamos pensamentos abstratos, mas comunicamos pensamentos vivos, que para o serem têm que corresponder aos itens citados e sumariamente descritos acima. No Brasil (nisto também se assemelharia ao Dadá) hoje, para se ter uma posição cultural atuante, que conte, tem-se que ser contra, visceralmente contra tudo, que seria em suma o conformismo cultural, político, ético, social. (Catálogo Brasil por Multiplicação, 2017, pág.62)

Uma mostra pensada na reflexão sobre pontos fundamentais para a discussão sobre a arte e cultura nacional na atualidade, a qual Mario Pedrosa, crítico de arte, já via uma transição de período histórico na época em que Oiticica escreveu seu texto sobre o Esquema Geral, e como aponta Osorio: “[...] para um esgotamento das premissas básicas da arte moderna: a autorreferencialidade dos valores plásticos e a projeção utópica em direção ao futuro.” (2017, pág. 15 e 16).

Pedrosa, enxerga em Oiticica uma ruptura com a arte moderna e um novo momento para a arte no Brasil, e vê em seu ato de sair do estúdio e ir se integrar a Estação Primeira de Mangueira na favela carioca, uma nova forma de criação artística, em que o artista sai do seu castelo e se mistura ao espectador, o qual [...] acreditava

que esta nova forma de arte era revolucionária, pois se preocupava com o coletivo, com o surgimento de uma nova percepção, de onde surgiria uma nova sociedade (GUERRA, 2015, MAC/USP). E que Filho ao analisar a exposição de Osorio, enxerga essa mistura entre a arte exposta e o espectador.

Pensar a arte fora do seu campo disciplinar, misturando cinema, dança, arquitetura e outras manifestações culturais, para o curador Camillo Osório, significa colocar em confronto realidades distintas como a histórica miséria do País e o sonho de virar uma potência atômica. (FILHO, 2017, Estadão)

Para Osorio ao avaliar a análise de Pedrosa sobre Oiticica e um novo período para a arte no Brasil:

Há uma integração da obra em seu ambiente cultural, incorporando novas materialidades, absorvendo e deslocando constantemente elementos da história da arte, do cotidiano e da cultural popular e de massas. Não se trata de redução nas expectativas experimentais ou de captura da arte na lógica do consumo ou do espetáculo – mas de redefinir os critérios pelos quais se julgam as formas de experiência e intervenção da arte dentro do sistema integrado a cultura. [...] Sem abrir mão do atrito, o fazer artístico incorpora afetos mais excitados e dispersivos. Dispersão não significa necessariamente redução. É aí dentro que a vontade construtiva deve atuar e se articular com a pulsação da antiarte. (2017, pág. 16 e 17)

Essa que contaria com a participação do espectador (tátil, visual, semântica), a tomada de um posicionamento político, ético e social e as novas formulações do conceito de antiarte, que como afirma Oiticica:

É essa a tecla fundamental do novo conceito de antiarte: não apenas martelar contra a arte do passado ou contra os conceitos antigos (como antes, ainda uma atitude baseada na transcendentalidade), mas criar novas condições experimentais, em que o artista assume o papel de “proposicionista”, ou “empresário” ou mesmo “educador”. (Catálogo Brasil por Multiplicação, 2017, pág.62)

E a tendência para proposições coletivas, um acúmulo de camadas superpostas, mas nunca alinhavadas e em constante mudança e que é vista na obra de Oiticica.

Foi durante a iniciação ao samba, que o artista passou da experiência visual, em sua pureza, para uma experiência do tato, do movimento, da fruição sensual dos materiais, em que o corpo inteiro, antes resumido na aristocracia distante do visual, entra como fonte total da sensorialidade” (Mário Pedrosa, no artigo “Arte ambiental, arte pós-moderna, Hélio Oiticica.” In: Correio da Manhã, 26/06/1966).

A mostra conta com trabalhos de artistas reconhecidos das artes visuais, da arquitetura, da dança e do cinema, como de Dora Longo Bahia que comparece com um vídeo instalação inédita, em que coloca frente a frente uma queimada na Amazônia e o degelo na Patagônia, fenômeno testemunhado por dois meninos, um brasileiro e um argentino, vestidos como jogadores de futebol e alheio ao descompasso entre vontade construtiva na arte e degradação ambiental.

“O desastre e o jogo operam uma ambiguidade que é tanto a preocupação com o futuro, na aliança momentânea dos garotos, quanto a batata quente empurrada adiante pelas autoridades locais quando surge questões dessa natureza,” (2017) reflete Reina sobre a obra.

Para Osorio, o trabalho reflete que “o futuro deixou de ser o projeto utópico, a ideia de colonização de uma sociedade ideal, sem classes, harmônica, para ser o lugar da catástrofe e da destruição ambiental.” (apud REINA, 2017). Diante de desafios imensos como estes, aos quais se somam outros (sociais, econômicos, raciais, de gênero), o que pode fazer a arte e como ela pode vir a dialogar e criar uma reflexão com o público presente.

Assim como também trouxe trabalhos coletivos pouco conhecidos, como o Coletivo Mão na Lata, do Complexo da Maré que apresentam fotografias em preto e branco desfocadas e soturnas revelam um olhar que, embora esteja entranhado naquela realidade, é capaz de estranhá-la e criticá-la de forma contundente.

Sob as fotos, legendas escritas pelos próprios jovens dão vazão não só ao modo como vivem, mas às suas subjetividades. “O sol às vezes parece me cegar”, diz um dos versos abaixo de uma foto tirada à janela. A produção fotográfica do coletivo da Maré, mostra um panorama desolador de uma favela carioca, é o contraponto do cenário futurista das instalações internas das usinas de Angra em fotografias inéditas da gaúcha Romy Pocztaruk. “O olhar nada exótico, de elaboração complexa, vai na contramão da precariedade dos recursos utilizados, uma vez que as fotografias foram feitas com câmeras construídas com latas recicladas”, menciona Reina (2017).

Figura 1 – “Da Minha Janela”



Foto da série “Da minha janela”, do coletivo Mão na Lata (Foto: Jailton Nunes) – Revista Bravo

Para Osorio, conforme enfatiza Reina (2017) há uma “manutenção da dimensão fabulatória” em trabalhos como os do Mão na Lata que permite que de uma realidade oprimida surja uma “voz com potência poética”. O curador defende uma interlocução na qual estas vozes entrem em contato com “uma experiência com a linguagem, uma dimensão de não-adesão ao real, mas de deslocamento do real”. Para ele, a “potência experimental e atritiva da arte—e da arte moderna, da tradição moderna—tem que ser minimamente mantida”.

O painel no corredor que leva à Grande Sala do MAM, pintado pelo artista Isaías Sales e o coletivo MAHKU, do povo Huni Kuin, do Acre, já dá o tom do que está em jogo. Há uma mistura, uma deglutição da cultura do “outro”, inspirado pelo Movimento Antropofágico (1928) de Oswald de Andrade que não enxergavam como subtração, mas como multiplicação desse “acumulo de camadas superpostas”.

Obras como as mencionadas que possuem uma relação criativa entre conteúdo social e elaboração estética foi uma das preocupações da curadoria.

O tipo de interferência que a arte pode produzir, no curto prazo, é sempre muito tênue, pondera Luiz Camillo. Pode é produzir outras percepções, abrir outras possibilidades de imaginar uma realidade diferente daquela que existe, afirma. Se ela vai se efetivar ou não, vai depender de uma vontade coletiva. (REINA, 2017)

O texto “Esquema Geral da Nova Objetividade”, escrito em um momento politicamente tenso, Oiticica destaca seis características da arte brasileira: 1- vontade construtiva; 2- tendência para o objeto; 3- participação do espectador (corporal, tátil, semântica); 4- abordagem e tomada de posição em relação a problemas políticos, sociais e éticos; 5- tendência para proposições coletivas; ressurgimento e novas formulações do conceito de anti-arte. Conceitos esses, que foram a base para outras articulações da montagem da exposição e diálogo entre as obras de arte.

Há, porém, duas maneiras bem definidas de participação: uma é a que envolve “manipulação” ou “participação sensorial corporal”, a outra que envolve uma participação “semântica”. Esses dois modos de participação buscam como que uma participação fundamental, total, não-fracionada, envolvendo os dois processos, significativa, isto é, não se reduzem ao puro mecanismo de participar, mas concentram-se em significados novos, diferenciando-se da pura contemplação transcendental. (OITICICA, 2006, pág.162/163)

As seis características apontadas acima seguem valendo – não obstante as diferenças de contexto – para se pensar a arte produzida hoje. Buscamos evidenciar isso neste Panorama. Sem qualquer tematização daquelas tendências, elas perpassam indiretamente os trabalhos aqui apresentados. A despeito da falência da ideia de progresso e de uma avassaladora crise urbana e ambiental, ainda resiste uma vontade construtiva entre nós. Uma construção que se sabe frágil, mas crucial para enfrentar os riscos de uma informalidade desagregadora. Nota-se também uma crescente abertura do fazer artístico para problemas sociais, éticos e políticos, ou seja, para um engajamento, nada simplificador, que acredita nas brechas em que a arte quer se infiltrar para tentar mudar as coisas – sabendo-se que querer mudar não basta e que sua impotência pode ter desdobramentos imprevistos. (OSORIO, 2017, MAM/SP)

Pensando nas características apontadas por Oiticica, Osório programou a abertura da mostra, com o projeto do artista Ricardo Basbaum, que apresentou uma performance chamada “Conversas Coletivas”, constituído por uma leitura coletiva, que resultou em um diagrama desenhado na parede da Grande Sala, exibido durante a mostra.

Figura 2 – “Conversas Coletivas”



Fonte: 20170926_COLAB_10_PANORAMA_ABERTURA-52 Através TV Conversas Coletivas RicardoBausbam

O Panorama ocupou várias salas do museu. A sala de vidro Paulo Figueiredo e a “estufa”, onde mora a aranha de Louise Bourgeois, foi ocupada por uma instalação do carioca João Modé - uma microfloresta com uma escultura neoconcreta de Willys de Castro.

O trabalho inédito e outro já apresentado anteriormente de Beto Shwafaty, com instalações e esculturas em que elementos utilitários são deslocados de sua função original para o campo do trabalho braçal, na clivagem de sentidos.

Reina (2017) nos fala um pouco da obra de Shwafaty:

Um alto falante no chão reproduz o discurso de Juscelino Kubitschek dois meses após o golpe de 1964. JK era então senador pelo estado de Goiás e sua cassação era dada como certa. Ao redor do velho aparelho de som, materiais e ferramentas de construção—martelos, tijolos, chaves de fenda—dão medida concreta à desconstrução (de um projeto político, de uma democracia, de um país) ao mesmo tempo que oferece, aos visitantes, os mesmos materiais necessários para a sua reconstrução.

Embora o assunto da instalação de Beto Shwafaty seja um evento do passado, é no chão histórico do presente que ela se encontra exposta hoje no 35º Panorama de Arte Brasileira do MAM.

trabalhos apresentados e fazem ouvir vozes até então pouco presentes nos grandes museus”, (REINA, 2017).

Seguindo seu olhar sobre Brasil por Multiplicação, reforça Reina (2017), “esta sensibilidade ao chamado lugar de fala também está nas duas séries de fotografia apresentadas pelo coletivo Mão na Lata”,

E continua:

Sob as fotos, legendas escritas pelos próprios jovens dão vazão não só ao modo como vivem, mas às suas subjetividades. “O sol às vezes parece me cegar”, diz um dos versos abaixo de uma foto tirada à janela. O olhar nada exótico, de elaboração complexa, vai na contramão da precariedade dos recursos utilizados, uma vez que as fotografias foram feitas com câmeras construídas com latas recicladas.

Já na série inédita de Barbara Wagner e Benjamin de Burca, a voz popular troca o preto e branco por cores cintilantes. Ao longo de uma parede, diversos retratos estão suspensos de modo que ambas as faces estejam à vista. Na frente, uma fotografia de pessoas comuns de São Paulo ganha um fundo artificial, tridimensional e colorido, com a inscrição dos nomes dos retratados e frases de efeito. “O resultado tem aspecto *kitsch* e cafona— tão agudo que parece autoconsciente, próximo da estética das capas de DVD pirata ou dos antigos *tazos* de embalagens de salgadinho.” (REINA, 2017). Quando olhamos o verso do retrato, descobrimos que a escolha dos elementos da imagem não se deve ao arbítrio dos artistas, que apenas os organizaram segundo um questionário aplicado aos retratados.

Além de revisitar o fator que culminou na reviravolta do meio artístico, ao trabalhar o texto Nova objetividade, de Oiticica, que para Luiz Camillo foi um “divisor de águas para a arte contemporânea”, o tema “Brasil por Multiplicação” buscou analisar através dos diversos projetos reunidos, um Panorama da Arte Brasileira, da nossa identidade nacional.

Encontramos instalações como o trabalho coletivo do RUA Arquitetos, MAS Urban Design e ETH Zurich, cuja a proposição do coletivo é trazer o Varanda Products, projeto de objetos funcionais para espaços que são ao mesmo tempo externos e internos e têm sua tradução mais popular nas lajes das periferias, entre eles o ombrelone que protege do sol e ao mesmo tempo capta água, a espreguiçadeira que também tampa a caixa d’água, cadeiras e mesas descartáveis, etc.

Ou o de João Modé, instalação inédita, em que o artista cria um jardim dentro da Sala de Vidro do MAM, em relação a uma escultura neoconcreta de Willys de Castro, na tensão entre natureza e cultura.

Uma das instalações conta a história de um elemento curioso e tropical: a banana. Em "Uma Breve História da Banana na História da Arte", o artista plástico Leandro Nerefuh, baseado em seu livro homônimo, retrata imagens da fruta em diferentes momentos da história, como símbolo da brasilidade "é sempre um localizador geográfico dos trópicos e do exótico" (NEREFUH, citado por MENON, 2017).

A instalação inédita de Cadu, composta por uma mandala gigante feita de peças de crochê, e um vídeo. "Podemos, através das diferentes obras e estéticas apresentadas na mostra, ver um Brasil entre a cidade e a floresta, as comunidades periféricas e os centros cosmopolitas, entre o caos, a indeterminação e o mito." (RIGAMONTI, 2017).

Em seu artigo para a Select, *Trabalhos Colaborativos do 35º Panorama da Arte Brasileira no MAM SP*, reiteram necessidade de conviver com a diferente, de 2017, Paula Azulgaray dá seu olhar sobre obras apresentadas:

Entre os trabalhos mais fortes da exposição estão precisamente aqueles que afirmam novos posicionamentos a partir de processos de criação e elaboração coletiva. Como "Macunaíma Colorau", de Lourival Coquinha e Clarisse Hoffmann, uma audio-instalação realizada a partir de enquete nas ruas de cidades pernambucanas com as perguntas "Você é índio?", "Você é branco?", "Você é negro?" O trabalho tece uma autodeclaração da identidade étnica e racial do povo brasileiro.

Ao comentar sobre o trabalho criado conjuntamente com Lourival Coquinha para o MAM em parceria com a Atraves no vídeo de apresentação do Panorama em 2017, Clarisse Hoffmann ao ser questionada referente ao artista participar da sua época e do seu povo, diz:

[...] nosso trabalho Macunaíma Cultural é fruto da militância tanto do movimento indígena quanto do movimento quilombola e da arte, só você está podendo fazer esse tipo de trabalho e está colocando ali, é uma forma de militância, pois do jeito que o país está.

Figura 4 - Macunaíma Colorau, de Lourival Cuquinha e Clarisse Hoffmann



Fonte: Panorama_fotos_laysa-elias-19-752x490 Select Art

Assim como os trabalhos de Cadu, do Coletivo Mão na Lata e João Modé. “A tomada de posição política, ética e social é a mais importante das diretrizes assumidas pela curadoria do 35º Panorama da Arte Brasileira – Brasil por Multiplicação, no MAM-SP.” reforça Azulgaray (2017).

Em sua apresentação para divulgação da exposição, no site do MAM/SP, Luiz Camillo Ozório, nos mostra um pouco seu olhar sobre a curadoria, sua visão frente aos textos inspirados e a exposição objetivada.

Reunir em uma exposição, que se pretende um Panorama da Arte Brasileira, desde a concretude da intervenção arquitetônica até a fluidez da dança, passando pelo audiovisual, pela escultura, pela fotografia e pela palavra, mais que explicitar a diversidade da cena contemporânea, em que a divisão de meios expressivos e de disciplinas parece obsoleta, busca ressaltar a multiplicidade de tempos que compõem nosso momento histórico. O tempo do corpo que dança, da palavra escrita e da imagem projetada respondem a formas de percepção e de experiência plurais. Simultaneamente, é parte de nosso desafio articular os diferentes imaginários que se contaminam e se multiplicam no Brasil entre a cidade e a floresta, as comunidades periféricas e os centros cosmopolitas, entre o caos, a indeterminação e o mito.

Misturar poéticas conflitantes, trazer outras vozes e gestos para dentro das instituições que constroem as narrativas hegemônicas, revelar antagonismos e diferenças, tudo isso é parte de uma ideia de Panorama e de uma discussão sobre o Brasil. Isso, no exato momento em que o Brasil vive uma de suas piores crises política e econômica, quando a promessa de futuro virou uma terrível distopia que constrange as possibilidades do presente, parece propício colocar, mais uma vez, a pergunta sobre o Brasil. O Problema-Brasil é um desafio e uma miragem: aparece como promessa de alegria, mas escapa quando vamos em sua direção. E, a cada passo, parece que vai para mais longe. Entretanto, não dá para virar as costas; há que se encarar a miragem, ao mesmo tempo ilusória e real, fazendo deste enfrentamento o caminho para nos tornarmos menos assombrados com nossa assustadora incompetência coletiva. A arte é o espaço disponível para ampliarmos o campo do possível. (2017, MAM/SP)

E que Reina pensa como algo que a ser absorvido por todas as áreas, para a construção de um país pautado na diversidade:

Baseada na ideia de um Brasil múltiplo, a curadoria da exposição aposta suas fichas na “composição das diferenças”. Mas o trabalho (de artistas e da sociedade) é longo pela frente. “Fazer as diferenças conviverem, ainda que com ruídos”, para falar com Luiz Camillo Osorio, não é só o objetivo do 35º Panorama de Arte Brasileira, mas de qualquer projeto de país que retire da diversidade a sua força. Enquanto isso, da adversidade vivemos—ainda. (2017)

Osorio trouxe essa mistura, essa “composição das diferenças”, com um olhar sobre o Panorama como um todo e não somente sobre uma única obra apresentada, tirada do seu contexto e campo de discussão e que nos demonstra um projeto de país através de outros olhares.

3. O PANORAMA ATRAVÉS DOS OLHOS DO PÚBLICO – CRÍTICA E MORALIDADE

A performance de abertura do 35º Panorama de Arte Brasileira do MAM de São Paulo, La Bête – foi o centro de discussão na sua semana de abertura e o personagem central de uma exposição que buscou discutir a arte atual produzida no Brasil e a interação do público como parte criadora desse processo. A performance de um artista nu, que pôde ser manipulado pelo público presente e no caso, uma criança acompanhada da mãe, que toca o braço e a perna do artista, gerou profundas críticas e debates dentro da moralidade da tradicional família brasileira. A divulgação de fotos descontextualizada para as redes sociais, fez viralizar a performance com a polêmica em torno da pedofilia.

O museu, funcionários e artistas foram alvos de ataques e até mesmo tentativas de agressão por grupos extremistas, que usaram de uma imagem para propagar um discurso em prol da “moralidade” e contra a arte. A discussão saiu do campo da arte e girou em torno de um movimento que busca atrair visibilidade para o período eleitoral, criando uma polêmica entre os que nem mesmo viram a exposição como um todo.

A polêmica chegou até mesmo a ir para a justiça para avaliação se a mesma poderia ou não continuar aberta e também se a mãe era realmente apta para permanecer com a guarda de sua filha.

O que importava era a manipulação do ódio, como mercadoria, algo pulsante no Brasil atual, com objetivos políticos. Um truque velho na política nacional, deslocar a atenção da gravidade do que se passa no país, para uma ameaça inexistente.

Ao um simples piscar de olhos, sai de cena a corrupção escancarada dos nossos governantes, as más administrações e uso do dinheiro público, e surge um novo “monstro”, um artista que foi descontextualizado, que teve sua história ignorada e da noite para o dia, passou a ser alvo dos mais vis ataques de ódios e ser intitulado de pedófilo.

Grupos de ódio, criaram uma ficção e milhões se esqueceram de “raciocinar, aderindo ao linchamento e produzindo provas contra si mesmos” reforça Eliane Brum (2018) ao entrevistar o artista Wagner Schwartz para a revista El País.

O artista mesmo duramente brutalizado, se recusa a seguir sujeitado, convertido em objeto sem voz e acredita que a melhor resposta, é a continuidade do seu trabalho.

A arte no Brasil, vem sofrendo nos últimos tempos, insufladas de grupos conservadores: em 2014 na 31ª Bienal de São Paulo, *Como Falar de Coisas que Não Existem*, foi polêmica e transgressora por tocar em assuntos como o templo de Salomão em São Paulo, aborto, violência policial, a sexualidade de deus, Israel (nesse caso, a principal polêmica foi junto aos artistas que se manifestaram, contra o investimento vindo de Israel para a exposição, com a intensificação do conflito israelo-palestino, uma semana antes da abertura 63% dos artistas enviaram um manifesto aos organizadores para questionar os financiamentos do governo e de empresas israelenses à Bienal).

O fechamento da *exposição Queermuseu - Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*, em cartaz quase um mês no Santander Cultural, em 2017, em Porto Alegre, foi cancelada após uma onda de protestos nas redes sociais. A maioria se queixava de que algumas das obras promoviam blasfêmia contra símbolos religiosos e também apologia à zoofilia e pedofilia.

A mostra, com curadoria de Gaudêncio Fidelis, reunia 270 trabalhos de 85 artistas que abordavam a temática LGBT, questões de gênero e de diversidade sexual. Obras que percorrem o período histórico de meados do século XX até os dias de hoje. Uma ação que demonstrou os interesses privados da instituição, antes mesmo de realmente dialogar para uma melhor compreensão e divulgação do que estava sendo apresentado.

Para o crítico de arte e professor da PUC-Rio Sérgio Bruno Martins, é sintomático que o caso tenha ocorrido em um centro cultural do setor privado, gerido pelo departamento de marketing cultural de um banco. "Se uma instituição faz a avaliação de que o seu público está pautado por valores mais conservadores, vai tentar atendê-los. Podem ter algum compromisso com a arte, mas o primeiro compromisso é com a imagem da marca", diz o professor da PUC-Rio. (CARNEIRO, BBC. 2018)

O prefeito João Dória veio a público se posicionar e de uma forma extremamente rasa. Visível, pois em pleno processo de campanha política, Dória endossa o discurso de grupos que buscam eleitores através do que consideram manter a moral e os bons costumes da tradicional família brasileira. Sua voz se juntou

a de uma minoria que buscou através de não contextualização e ódio boicotar a exposição. Nas suas palavras: “cena libidinosa, que estimula uma relação artificial, condenada, e absolutamente imprópria seja colocada para o público.” (BAGNOLI e WERNECK, Revista Bravo. 2017)

Para além de prestar um desserviço à sociedade ao endossar a leitura rasa da performance feita por linchadores profissionais em redes sociais, Dória se coloca na posição de defender o obscurantismo e de pôr em xeque o direito de uma obra ser apresentada a público, goste-se dela ou não. (BAGNOLI e WERNECK, Revista Bravo. 2017)

Mais um capítulo do obscurantismo e conservadorismo, em que o golpe contra Dilma Rousseff mergulhou o Brasil, as polêmicas em torno tanto da performance de Schwartz, quanto o fechamento da exposição do Queermuseu levou a abertura de uma CPI, para investigar artistas, curadores e pessoas relacionadas diretamente com ambas as exposições.

Um inquérito foi aberto pelo Ministério Público de São Paulo para apurar se houve crime. A CPI dos Maus-Tratos, do Senado Federal, decidiu aproveitar o momento para faturar com seu próprio factóide, convocando os curadores, a mãe da criança e o artista para prestarem depoimento e aumentando sua visibilidade de conservadorismo nos grandes veículos de comunicação nacional.

O Brasil se viu no epicentro de distorções do fazer artísticos e da repressão à liberdade de criação, em que decaiu sobre as artes, reflexo de uma crise política, econômica pungente no país hoje.

Em seu artigo *Cultura e Política em um Brasil em crise, 2016-2018*, Fernando Perlatto (2018), reflete sobre exato momento de movimentos inibidores da cultura, da arte e mostra que nesses momentos de uma forma incoerente de retrocesso a arte volta a ganhar visibilidade e com isso grupos também se unem em prol da mesma para trazer para o campo do pensamento crítico as discussões a respeito dos questionamentos do fazer artístico e não alienar o público ainda mais de um debate tão presente em nossa sociedade, a qual determinados grupo chamam de ideologização:

Se ações nesse sentido já ganharam destaque em iniciativas que estes grupos realizaram em torno de um movimento como a chamada “Escola Sem Partido” – que, a pretexto de combater a “ideologização” do espaço escolar, busca, ao fim e ao cabo, silenciar o pensamento

crítico nas salas de aula –, bem como na organização de protestos contra a presença da filósofa Judith Butler no Brasil para uma palestra em São Paulo e nas ameaças direcionadas à editora da Boitempo, Ivana Jinkings, pelo lançamento de uma coleção de livros infantis sobre a obra de Marx, elas ganharam ainda maior visibilidade nos embates realizados por militantes e apoiadores destes grupos contra exposições e performances acusadas de fazerem apologia à pedofilia, como ocorreu em Porto Alegre, no Santander Cultural, com a exposição *Queermuseu: Cartografias da diferença na arte brasileira*, e em São Paulo, com a performance *La Bête*, de Wagner Schwartz, na abertura do 35ª *Panorama da Arte Brasileira*, no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM).

Logo que para ele, há movimentos sim contrários à livre expressão e fazer artísticos, mas que esses movimentos, encontram resistências em grupos que reforçam que a arte é um campo livre e que é um campo que está em constante diálogo com a sociedade e para tal precisa de liberdade e não de obscurantismo para buscar novas reflexões. Mas que vivemos tempos reais de retrocesso que atuam fortemente sobre o campo artístico:

Em consonância a esses acontecimentos, houve também a repressão em Brasília contra Maikon K por sua performance em frente ao Museu Nacional da República, intitulada *DNA de DAN*, no qual o artista aparecia nu dentro de uma bolha de plástico, assim como a autocensura do Museu de Arte de São Paulo (MASP), que proibiu a entrada de menores de 18 anos, mesmo acompanhados dos pais, na exposição *História das Sexualidades*. Soma-se a estas censuras em exposições e performances, aquela que ocorreu contra a atriz travesti Renata Carvalho, que interpretou Jesus Cristo na peça teatral *O Evangelho segundo Jesus, rainha do céu*, proibida em Jundiá por ordem judicial. (PERLATTO, Revista Escuta, 2018)

É um cenário de insipiência a qual a arte em todas as suas formas de manifestações, vem diariamente sofrendo censura e moralismo de parte da sociedade que apoia cegamente esses grupos partidários que usam de fins exclusivos para atingirem sua chegada ao poder.

Outro ponto de extrema importância, não podemos discutir arte dentro de um gosto pessoal, dentro daquilo que consideramos moral, a arte é um campo livre e ela precisa ser discutida dentro do seu campo, para isso existe sim todo um estudo e pensadores que nos norteiam para analisarmos o contexto e não pontos desconexos. Arte trabalha o imaginário, o simbólico, o multidimensional e há uma relação natural

com o corpo, ela busca exatamente discutir a moral e tentar reduzir o pudor e sexualização do corpo nu.

Para Schwartz, a entrevista concedida a Eliane Brum, para o El Pais no início deste ano, 2018:

A arte é um território fora de controle, mas o fragmento da performance, e não a performance, que se desdobrou de nossa proposta foi recontextualizado para articular tarjas ideológicas conservadoras, tais como: “a família brasileira” ou “as nossas crianças”. Esse ato performativo também existe enquanto experiência, mas, ao invés de expandir a relação das pessoas no mundo, ele a silencia através do medo. Esse ato performativo não propõe imagens emancipadoras, mas doutrina, reduz um conceito aberto à propriedade privada da crença de um grupo específico de pessoas.

A arte é um campo também para discussão dos grupos sociais que a compõe, ela é feita para incomodar mesmo, levantar questionamento, pontos mascarados da sociedade presente. É para ser refletida, discutida, como percebemos em vários posicionamentos de pessoas que não descontextualizaram a performance e a exposição.

Estamos neste momento discutindo o que é arte, o que é pornografia, o que é limite, envolvendo Ministério Público e autoridades políticas. Isso é muito sério, porque achávamos que essa discussão tinha deixado de ter respaldo no século 19. Mais sério, porém, é ver reações raivosas e desprovidas de lógica, conhecimento ou sensibilidade diante de conteúdos artísticos plurais, e a tentativa diária de repressão à liberdade. Estamos assistindo a discursos muito perigosos para a continuidade da democracia do país, conquistada a duras penas. (BAGNOLI e WERNECK, Revista Bravo. 2017)

Um movimento de artistas, associações e grupos se manifestaram contra esse tipo de interpretação e censura que estão tentando impor a arte. A Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA) – 2017, emitiu uma nota em que se posiciona sobre esse momento de obscurantismo:

Lutamos por uma sociedade plural constituída pelo debate, pelo dissenso e plenamente fortalecida nas mais variadas formas de expressão da cena contemporânea”, defende a nota da ABCA. Somos contra qualquer forma de censura, pois ela restringe a liberdade de expressão e do conhecimento e tenta retirar da arte sua potencialidade de dissidência e ruptura. Como ser livre tentando calar o outro? questiona a associação.

E reforça esse movimento reacionário contra a arte, contra os artistas e os movimentos artísticos:

Em uma oposição total aos atos de censura, assumimos a defesa da possibilidade de a arte atuar como elemento desestabilizador das zonas de conforto e das atitudes previsíveis.... Temos o dever de denunciar esses atos que contrariam as práticas democráticas que nosso país merece e precisa vivenciar.

Em entrevista a Carta Capital, 2017, Felipe Chaimovich, curador do MAM, reafirmou o teor da nota e lembrou que o nu integra a arte há tempos.

O nu está presente em todos os museus do mundo, é parte da história da arte. Faz parte do patrimônio mundial. Não deveria causar choque, afirma Chaimovich. Os museus possuem uma função pedagógica, então é necessário esclarecer que isto faz parte da história da arte, faz parte do patrimônio mundial, explica.

A performance de Wagner Schwartz, La Bête, parte de uma ideia simples – ser o simulacro de um ‘bicho’ (peça de metal articulada) de Lygia Clark – para criticar o sistema de comercialização da arte, que supervaloriza o objeto e despreza o artista. Um ‘bicho’ de Lygia Clark pode atingir hoje US\$ 2 milhões. Os museus não deixam o público sequer tocar no objeto, o que contraria a intenção original de Lygia Clark. E reforça a performance do artista, ao se sujeitar a manipulação como obra de arte.

Há uma busca por um debate lúcido sobre a representação da nudez dentro do campo da arte. Percebemos que em casos como o Queermuseu e a performance La Bête, não houve um debate, mas interpretações ideologizadas, com manifestações de violência e ódio.

“Não se trata de uma reação popular, mas de um nicho que se tornou muito barulhento, organizado e mobilizável recentemente, em função da ascendência do conservadorismo de direita de esfera pública brasileira”, avalia o professor Wilson Gomes da Universidade Federal da Bahia (UFBA), ao avaliar a situação atual de repressão no campo das artes para A Tribuna, para Carlota Cafieiro, 2017.

Figura 5 – La Bête



O artista Wagner Schwartz, numa das posições em que seu corpo foi colocado pelo público durante a performance "La Bête", segura a réplica de um dos "bichos" de Lygia Clark.

Fonte: DIVULGAÇÃO/ HUMBERTO ARAÚJO/EL PAIS. 2017

Aginaldo Farias, crítico e curador de arte, para a mesma publicação e também avaliando esse cenário tão inóspito e repressivo, ressalta que a mãe da criança que estava no Panorama do MAM é artista, trabalha com performance e é amiga do coreógrafo. "Não vi problema de a criança tocar o performer nu, porque ela estava com a mãe e no ambiente controlado de um museu. Essa mãe tem uma relação muito mais tranquila com o corpo do que a maioria das pessoas", considera.

Para Farias, manifestações de censura são preocupantes e marcam um retrocesso há um período já vivido, a ditadura de 1968. E pensa que há sim um limite para a arte, mas que esse é quando coloca em risco a integridade física do público.

Não entendo toda essa polêmica quando o País inteiro está pelado. A questão do corpo é fundamental para a arte, mas há uma negação do prazer em nossa sociedade, onde a nudez e a liberação da libido só são permitidas durante os quatro dias de Carnaval. (FARIAS, A Tribuna, 2017)

Precisamos avaliar o que está em pauta, em jogo nesse momento, pois temos um cenário político extremamente conflituoso, de disputas por visibilidade e poder, temos um retrocesso nos direitos humanos e sociais, um retorno fortíssimo do conservadorismo e crescente religiosidade interligada com cargos públicos, ou seja, temos na constituição um Estado laico, mas que vem sendo governado e eleito por grupos que apoiam Estado interligado a religião, e um movimento pós golpe de retirada de dinheiro da educação, saúde, cultura entre outras áreas.

Como menciona Schwartz, na mesma entrevista ao El País:

[...] para cortar os orçamentos da arte e obter o apoio moral da população, o caminho mais eficaz é a difamação sistemática do artista que precisa ser retratado como o usurpador, aquele que se enriquece graças ao dinheiro público. Se for acusado de todos os males, torna possível suprimir os subsídios estatais e privados para a arte, já raros, com o apoio da população. [...] quando o discurso político é substituído pelo discurso moral, ele encontra forte ressonância nas distorções religiosas. (2017)

Há hoje uma caça aos artistas, segundo Maria Cristina Castilho, coordenadora geral do Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura da Universidade de São Paulo (USP), ao analisar esse contexto atual de censura as exposições e a arte no geral.

O que acontece hoje em dia é a chamada “censura togada”. Essa censura é regida por processos judiciais. Não há mais um órgão estatal censurando, mas sim instituições, muitas vezes privadas, que agem para reprimir artistas cujo trabalho é considerado obsceno. (...) o porquê de a arte ser um alvo tão recorrente da censura é bem extenso. O caráter transgressor da arte somado à forma direta que interage com a sensibilidade do público, causa desconforto. Além disso, há uma forte tentativa em calar e deslegitimar um grupo de contestadores que têm o poder de denunciar sistemas perversos. (Revista Esquina, 2018, pág. 64/65)

Toda essa onda reacionária trouxe à tona, um dos problemas estruturais do Brasil, a falta de conhecimento crítico, de análise e interpretação dos fatos. Ao vermos pessoas discutindo a performance como um ato contra a sociedade, percebemos o quão descontextualizados estão os brasileiros, logo que se inflaram de discurso de ódio e intolerância, sem sequer comparecerem a exposição para uma melhor

compreensão do todo. A arte entrou em pauta, em todos os noticiários, mas poucos se propuseram a debater e argumentar sobre os fatos ocorridos.

Uma exposição, marcada pela pluralidade e poética em torno da construção artística, que expôs o país através do olhar dos seus artistas convidados a expor no Panorama. Uma proposta que busca dialogar com os diversos campos estruturais da nossa sociedade e que teve seu momento de repressão pela falta de contextualização de grupos que a constituí, que se recusou a compreender a exposição, mas se propôs a disseminar um discurso de intolerância e retrocesso.

4. CONCLUSÃO

A arte é fruto do seu tempo, ela reflete as referências do momento em que está sendo construída. Obras, artistas e público são parte do ato criador, como já pensava Marcel Duchamp no começo do século XX.

As exposições recebem uma curadoria, um reflexão que possa vir a dialogar com o público presente, que como menciona Osorio, é um trabalho de reflexão crítica, de um debate, elementos que contribuem para esse diálogo, em que o curador pensa um recorte, escolhe os artistas que acredita que casam com o tema proposto, e que é preciso uma integração entre esses artistas e obras, para que haja um trabalho conjunto, em harmonia para explorar a temática, a questão levantada pelo curador e que isso possa chegar ao público e o mesmo ser parte, com um reflexão crítica sobre o que está sendo apresentado, não amar ou odiar, mas refletir sobre o que lhe é apresentado.

Um Panorama da Arte Brasileira, não reflete somente obras individuais, não é uma exposição de um único artista, a do trabalho em questão está relacionada a um coletivo, Osório trouxe uma curadoria, que buscou fazer esse contraponto frente ao individualismo e buscou discutir as diferentes artes produzidas na contemporaneidade do Brasil, dialogando com momentos de grande impacto na vida do cidadão, como por exemplo, trabalhos ligados a política.

Brasil por Multiplicação, não nos trouxe somente reflexões sobre a arte em si, mesmo tendo a intenção de discutir os fazeres artísticos brasileiros, a polêmica em torno da performance de Wagner Schwartz, levantou questionamentos sobre censura, ódio, liberdade artística, grupos reacionários, movimentos que buscam reduzir a arte e refleti-la à partir de um olhar moralista e desconexo. A curadoria de Osorio, conseguiu por sua vez fazer o cruzamento de arte/política, campos distintos, mas que muitas vezes acabam interligadas.

Vimos a olhos nus, como uma performance artística levantou questionamentos e discussões do atual estado do nosso país, que sente nos seus dias um retrocesso e uma dominação dogmática latente e como essa performance tomou proporções tão amplas na mídia, que de certa forma, tirou de foco a exposição como um todo, pois levantou questões ligadas a falta de informação e interpretação sobre o que estava sendo apresentado e como no jogo de poder, qualquer campo, pode tornar-se uma arma.

A arte sofreu no último ano, ataques fortíssimos sobre sua liberdade de criação e reflexão, sobre o olhar que têm dos grupos sociais que a compõem.

Nas palavras de Fábio Cypriano em *Arte Acovardada* a Revista Bravo, 2018: “Em um período marcado por censura e intolerância, as instituições de arte têm pouco do que se orgulhar”. Ao expor sua fala sobre os últimos acontecimentos, envolvendo a arte, para ele “as instituições de arte entraram em 2018 mais fragilizadas e acovardadas do que começaram 2017”. Justamente por, ainda que tenham se posicionado contra esses grupos reacionários, abriram margens para o crescimento dos mesmos, em posicionamentos como o do Santander Cultural, que encerrou antecipadamente a mostra *Queermuseu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira* em setembro de 2017, por conta de denúncias nas redes sociais de apologia à pedofilia e zoofilia, apontadas em 3 das 264 obras expostas, demonstram como o olhar do público, seja ele crítico ou não, suscitou movimentos de resguardo das instituições ligadas a arte.

Polêmicas não são raras na história da arte, mas é preciso não se acovardar, não se reduzir. Temos uma atualidade marcada pela quebra das regras democráticas e um fortalecimento de movimentos reacionários contra a liberdade de expressão, após o golpe parlamentar de 2016. O movimento contra a democracia, vem atingindo todos os setores da sociedade e vem ganhando força na disseminação de falsas notícias ou notícias não contextualizadas que ganham visibilidade virais nas redes sociais.

“Não se pode esperar que arte possa mudar a sociedade. Sem encarar as fissuras que nos fizeram o que somos nós – fissuras de raça, de classe, de gênero -, não seguiremos para lugar nenhum diferente deste onde estamos há tanto tempo”, frase do pesquisador e curador Moacir dos Anjos, em entrevista a Andrei Reina a Bravo, *‘Hora de Assumir Lados’*, 2018. A arte nos oferece novas maneiras de compreender o mundo e nossa história, não podemos invalidá-la. Não é um momento de se acovardar, mas sim de tomar posicionamento, de defender a liberdade de criação.

Ao ser questionado por Reina, do por que as artes visuais se encontram contra a parede, Moacir dos Anjos nos traz um panorama além do campo da arte.

Estamos vivendo, como já foi inúmeras vezes dito e analisado, uma crise de representação. Crise que não alcança apenas o campo da

chamada política partidária, mas que envolve todos os espaços de vida onde equivalentes simbólicos do mundo são criados e difundidos. Estamos em disputa aberta pelas imagens, discursos e gestos que supostamente representariam, no campo do sensível, nossa realidade. Representação que, por ser necessariamente um recorte da experiência vivida, tanto inclui quanto exclui aspectos dessa realidade. Essa onda de censura e de ataques a exposições é expressão violenta dessa disputa, onde se busca sufocar, à força, modos menos excludentes de representar o mundo. (Revista Bravo, 2018)

Percebemos que a intenção de Osório de discutir uma arte brasileira, inserida em seu tempo, nos levantou questionamentos relacionados aos direitos de criação, de liberdade, de ir e vir, em um país marcado pela polarização política, reacionária e de retrocesso. Há uma incerteza e insegurança política e jurídica, uma busca por um país sem espaços de reflexão crítica, sejam nas escolas, seja nos museus. É preciso se posicionar, se contrapor a esses movimentos reacionários, é preciso informar e tentar refletir junto ao público, “[...] um dever de todo artista, curador, crítico, educador, gestor de museu que confie no poder que a arte tem de apontar para outras formas possíveis de entender o mundo. É hora de assumir lados.” (DOS ANJOS, Revista Bravo, 2018)

É preciso discutir arte, não como censura ou retrocesso, mas como um campo que está aberto para compreensão e diálogo com o presente, que tem sua interpretação do mundo e que não é feita para agradar, ser bela ou decorativa, ela está aí para suscitar questionamentos, pensamentos críticos, para a construção e produção de conhecimento. E exposições como o Panorama são projeções para esses debates.

Não podemos nos calar, nem engolir sem questionar, é preciso ir além, é preciso olhar com os olhos do curioso, do instigador, do novo e pungente, estar aberto ao que não é familiar e usar do conhecimento para debater e não do obscurantismo como vem acontecendo.

É urgente entender que você pode não gostar do que foi produzido, do que está ali e deve e pode questionar do porquê, mas não deve jamais censurar, repreender, sem contextualizar, sem ver, sem buscar uma análise crítica dos motivos que fizeram com que algo seja produzido e exposto ao grande público.

A arte abriu novamente um precedente para que enquanto seres sociais, possamos pensar o tipo de sociedade, país que queremos viver e certamente ele está

longe de ser esse momento de indefinições políticas e retrocessos sociais e culturais que grupos conservadores buscam disseminar nas redes sociais.

[...] não se pode esperar da arte aquilo que ela não pode entregar – mudar a sociedade. O que a arte pode oferecer são outras maneiras de entender aquilo que pensávamos já conhecer. Abrir fissuras nos consensos com os quais vamos levando nossas vidas através dos anos. Oferecer formas de entender o mundo mais inclusivas e complicadas. Mas a responsabilidade de fazer algo maior disso tudo não é da arte, é de cada um que entre em contato com ela, seja de que modo for. Uma coisa, contudo, é certa: quanto mais universidades, museus, centros culturais e galerias promovam um contato cada vez mais próximo com essa produção crítica e potencialmente emancipadora, mais chances existem de que algo novo floresça. (DOS ANJOS, Revista Bravo, 2018)

Ao trabalhar esse tema, esse envolvimento arte/política, foi possível enxergar que tanto a arte, quanto o artista, ainda estão distantes do cotidiano da grande maioria da população. Há um distanciamento entre produção de conhecimento e cotidiano, ou seja, através da polêmica referente a performance, pudemos perceber como a arte atingiu visibilidade em uma leitura distorcida. Luiz Camillo Osorio, buscou apresentar ao público o contexto geral dos últimos tempos de produção de arte no país, uma busca por legitimidade e autonomia, mas que foi subestimado por uma polêmica não contextualizada que demonstrou as falácias de um país pautado na falta de educação, conhecimento e interpretação, sobre o que lhes é apresentado.

As discussões em cima da performance, da instituição museu, nos trouxe reluzente, nossos problemas sociais, educacionais, políticos e econômicos, nos trouxe a triste realidade de um país marcado pela corrupção e mascarado por intenções específicas de grupos partidários.

Percorrer o 35º Panorama de Arte Brasileira, de 2017, nos trouxe a reflexão e questionamentos dos caminhos que estamos percorrendo enquanto sociedade, grupo, nação e como somos suscetíveis e frágeis a temas como a arte, a nudez, a livre expressão artística.

Os questionamentos não param, a história segue sendo escrita. O trabalho buscou percorrer alguns questionamentos suscitados com a polêmica em cima da performance e dos caminhos não claros que a arte está sendo produzida, assim como a história atual do país, marcada pela instabilidade, corrupção e disputa política. O que ainda esperar, aguardar ou tentar supor, é algo complexo a se pensar.

Luiz Camillo Osorio buscou um diálogo com a Nova Objetividade de Oiticica, tentou discutir a arte realizada em um período tão conturbado como os anos 60/70 e acabou se vendo em um contexto de certa forma aproximado ao período. O que nos leva a pensar, que a arte atual ainda está buscando identidade própria, visibilidade, autonomia, igualmente como o país, que passa por momentos sombrios e que tem nas eleições de outubro de 2018 uma pequena esperança ou medo dos próximos tempos que virão ao Brasil.

A criação artística mostra historicamente seus embates com as sociedades vigentes, com a fácil aceitação ou não pelo público, do que é arte. Assim como no começo do século XX, Marcel Duchamp e sua “Fonte”, causaram indigestão ao público e também ao campo artístico, percebemos que as propostas de arte, já não são mais voltadas somente as obras retinianas (atreladas a visão) e olfativa, como dizia Duchamp, ao pensar uma arte além dos ateliês de tintas e telas.

É perceptível acompanhar as mudanças no ato criador ao decorrer das últimas décadas, a arte já não se enquadra mais em um único fazer artístico, ela como outros campos, dialoga e instiga a novos pensamentos e olhares, há uma mudança no “status quo”, no caso desse trabalho, não só da arte, mas também da discussão tão gritante hoje, voltada para as questões morais e políticas.

As polêmicas mais marcantes hoje no cenário da arte no Brasil, resgataram questionamentos acerca da validade do fazer artístico e da liberdade de expressão absoluta por parte dos artistas e mostra ainda a influência de Duchamp e seu vanguardismo que mesmo após a polêmica do urinol, voltou novamente aos questionamentos artísticos por surgir com seu alter ego feminino ‘Rose Selávy’, como explana Rangel em seu artigo a Folha de São Paulo em 2017, Cem anos após Duchamp, debate sobre os limites da arte ainda gera polêmica.

Percebemos como a falta de criticidade e contextualização sobre o Panorama do MAM, foram usados para pautar um debate moralista de forma violenta por grupos oportunistas. Mas episódios como esse, também geram reflexões e mostram as fragilidades de um país ainda em desenvolvimento e que ainda não investiu o essencial para dar conhecimento e cultura a seu povo, não para que aceitem tudo, mas para que possam refletir, dialogar e produzir realmente conhecimento em todas as áreas e não serem fantoches de grupos extremistas que pouco se importam com o que está sendo produzido, mas que querem a visibilidade política a qualquer custo.

A arte é mais um campo que busca sua conexão com a sociedade atual, mas que pode vir a sofrer as mais variadas interpretações e deturpações, dependendo do cenário que se fizer ainda esse ano, pois historicamente já a vimos sendo censurada pela sociedade. A discussão entre os caminhos que cruzam esses dois campos distintos, arte e política, seguem pulsantes e cabe a cada um buscar melhores alternativas para interpretar e ser parte da construção de um Brasil mais estruturado, de discussões que levem a produção de conhecimento, ao pensamento crítico e ao discernimento do que lhes é apresentado.

Se vamos conseguir, se a arte conseguirá ser esse campo de reflexão e se a política realmente será realizada de forma coerente e coletiva, não para grupos específicos, mas para todos, são capítulos ainda em construção e que futuramente nos trarão novas perspectivas dos diálogos travados entre os dois campos.

5. REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. “O que é o Contemporâneo?” In: O que é o Contemporâneo? e outros ensaios; [tradutor **Vinícius Nicastro Honesko**].—Chapecó, SC: Argos, 2009.

ALMEIDA, M. H. T. Entre tiros e ameaças, qual o estado da democracia no Brasil hoje. **Nexo Jornal**, 2018. Entrevista concedida a Lilian Venturini. Disponível em:< <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2018/03/31/Entre-tiros-e-amea%C3%A7as-qual-o-estado-da-democracia-no-Brasil-hoje>> Acesso em 22 de maio de 2018.

ARCHER, Michel. Arte Contemporânea: uma história concisa. **São Paulo: Martins Fontes**, 2001.

AZULGARAY, Paula. Trabalhos colaborativos do 35º Panorama da Arte Brasileira no MAM SP reiteram necessidade de conviver com a diferença. **Select Vozes do Brasil**, 2017. Disponível em<<https://www.select.art.br/vozes-do-brasil/>>. Acesso em 30 agosto 2018.

BAGNOLI, H e WERNECK, G. Não afrontem nossos direitos. **Revista Bravo**, 2017. Disponível em:< <https://medium.com/revista-bravo/n%C3%A3o-afrontem-nossos-direitos-245db2b228c9>>. Acesso em 30 agosto 2018.

BRUM, Eliane. “Fui morto na internet como se fosse um zumbi da série The Walking Dead”. **El País**. 2018. Disponível em:< https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/12/opinion/1518444964_080093.html >. Acesso em 14 abril 2018.

CAFIERO, Carlota. Crítico de Arte e professor da UFBA comentam polêmica sobre nudez. **A Tribuna**. Disponível em:<<http://www.tribuna.com.br/noticias/noticias-detalle/cultura/critico-de-arte-e-professor-da-ufba-comentam-polemica-sobre-nudez/?cHash=562b88348ba301ec7b65a990ff6b5d24>> 15 agosto 2018.

CHAIA, Miguel (org.). Arte e política. **Rio de Janeiro: Azougue Editorial**, 2007.

CHAIA E TEIXEIRA, Vera e Marco Antonio. **Democracia e escândalos políticos. 2001.** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000400008> Acesso em: 08 julho 2018

CHAIMOVICH, F; VILLELA, M. (orgs). 35º Panorama da Arte Brasileira: Brasil por multiplicação. **São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo**, 2017

CARNEIRO, D. Julia. 'Queermuseu', a exposição mais debatida e menos vista dos últimos tempos, reabre no rio. **BBC**. 2018. Disponível em:< <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45191250>>. Acesso em 07 setembro 2018.

CARVALHO, José Murilo. Tudo pode acontecer, até um sério conflito social', diz historiador sobre crise política. **BBC**, 2016. Entrevista concedida a Fernando Duarte. Disponível em:<https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/03/160321_brasil_republica_manca_entrevista_fd>. Acesso em 30 agosto 2018.

CYPRIANO. Fabio. Arte Acovardada. **Revista Bravo**, 2018. Disponível em:<<http://bravo.vc/seasons/s04e02>> Acesso em 26 setembro 2018.

DAMACENO. Victória. "O nu está em todos os museus do mundo e não deveria causar choque", diz curador do MAM. **Carta capital**, 2017. Disponível em:<<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-nu-esta-em-todos-os-museus-do-mundo-e-nao-deveria-causar-choque-diz-curador-do-mam>>. Acesso em 05 agosto 2018.

DOC 35º Panorama da Arte Brasileira. **Produção Através**, 2017. 6,50 min, son., color. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=4nfo24i5-sw&t=9s>>. Acesso em 03 setembro 2018.

DOS ANJOS, Moacir. 'Hora de assumir lados'. **Revista Bravo**, 2018. Entrevista concedida a Andrei Reina. Disponível em:< <http://bravo.vc/seasons/s04e02>> Acesso em 05 agosto 2018.

DUCHAMP, Marcel. O ato criador. In: BATTCOCK, Gregory. A nova arte. **São Paulo: Perspectiva**, 1986. Tradução: Cecília Prada e Vera de Campos Toledo.

FERREIRA, G.; COTRIM, C. (orgs) – Escritos de artistas, Anos 60/70. **Rio de Janeiro: Jorge Zahar**, 2006.

FREIRE, Cristina. Arte Conceitual, Arte + Ed. **Jorge Zahar Editor**, 2006.

FILHO, Antônio Gonçalves. Inspirado em oitica, curador une artes visuais, dança e arquitetura no MAM. **Estadão** Disponível em:<<https://cultura.estadao.com.br/noticias/artes,inspirado-em-oitica-curador-une-artes-visuais-danca-e-arquitetura-no-mam,70002014476>>. Acesso em 30 maio 2018

GUERRA. Tatiana Rysevas. Hélio Oitica: Arte do Século XX/XXI. **MAC/USP**. Disponível em:<<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo3/neoconcreto/oitica/index.html>> Acesso em 26 setembro 2018

INFOARTSP. **35º Panorama da Arte Brasileira**, 2017. Disponível em:<<http://www.infoartsp.com.br/agenda/35-panorama-da-arte-brasileira/>>. Acesso em 22 maio 2018.

MENON, Isabella. Hélio oitica inspira exposição 'Brasil por Multiplicação', no MAM. **Folha do estado de São Paulo**, 2017. Disponível em:<<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/09/1922023-helio-oitica-inspira-exposicao-brasil-por-multiplicacao-do-mam.shtm>>. Acesso em 05 agosto 2018.

OSORIO, Luiz Camillo. **Brasil por Multiplicação. MAM/SP**, 2017. Disponível em:< <http://mam.org.br/exposicao/35-panorama/>>. Acesso em 10 maio 2018

OSORIO, L. C; CHAIMOVICH, F; VILLELA, M (orgs). **35° Panorama da Arte Brasileira: Brasil por Multiplicação**. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2017.

PELATTO, Fernando. Cultura e Política Em Um Brasil em Crise, 2016 – 2018. **Revista Escuta**, 2018. Disponível em:< <https://revistaescuta.wordpress.com/2018/08/09/cultura-e-politica-em-um-brasil-em-crise-2016-2018/>>. Acesso em 17 setembro 2018.

RANGEL, Daniel. Cem anos após Duchamp, debate sobre os limites da arte ainda gera polêmica. **Folha do Estado de São Paulo**, 2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/10/1924904-cem-anos-apos- Duchamp-controversia-sobre-o-que-e-arte-ainda-gera-polemica.shtml>>. Acesso em: 23 novembro 2017.

REINA, Andrei. Da diversidade viveremos? Com um paralelo entre 1967 e 2017, exposição ‘Brasil por Multiplicação’ ecoa impasses históricos. **Revista Bravo**, 2017. Disponível em:< <https://medium.com/revista-bravo/da-diversidade-viveremos-c80de17b6c2c>>. Acesso em 30 agosto 2018.

RIGAMONTI, Monise. O Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo, apresenta o 35 ° Panorama da Arte Brasileira. **Acesso Cultural**, 2017. Disponível em:< <http://www.acessocultural.com/2017/09/o-museu-de-arte-moderna-mam-de-sao.html>>. Acesso em 05 setembro 2018.

TERAO, Susana. Censura e Obscenidade. **Revista Escuta**, 2018. Disponível em:< <https://revistaesquinas.casperlibero.edu.br/edicoes/63/censura-e-obscenidade/>>. Acesso em 01 setembro 2018.

VENTURINI, Lilian. Entre tiros e ameaças, qual o estado da democracia no Brasil hoje? **Nexo Jornal**. 2018, Disponível em:<<https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2018/03/31/Entre-tiros-e-amea%C3%A7as-qual-o-estado-da-democracia-no-Brasil- hoje>>. Acesso em 30 agosto 2018.